

OUTRAS FRONTEIRAS, NOVAS GEOGRAFIAS:
INTERCÂMBIOS E DIÁLOGOS TERRITORIAIS

Coordenação de
Rui Jacinto

IBEROGRAFIAS

32

Colecção Iberografias
Volume 32

Título: Outras Fronteiras, Novas Geografias: Intercâmbios e Diálogos Territoriais

Coordenação: Rui Jacinto

Autores: Ana Claudia Giannini Borges, Ana Maria Cortez Vaz, Ângela Catarina Duarte Fonseca Martins de Jesus, Antonio Cordeiro Feitosa, Antonio Nivaldo Hespanhol, Cláudio Artur Mungói, Concha López Jambrina, Daniela Maria Vaz Daniel, David Mota Álvarez, Fernando Manuel Videira dos Santos, Francisco José Araujo e Rui Jacinto, Francisco Ramos Antón, Giampietro Mazza, Helena Santana e Rosário Santana, Javier Alejandro Lifschitz, Joana Capela de Campos, João Luís Jesus Fernandes, José Gilberto de Souza, José Sampaio Mattos Junior, Márcia Manir Miguel Feitosa, Messias Modesto dos Passos, Pedro Javier Cruz Sánchez, Rita Costa Gomes, Ronaldo Barros Sodré, Rosângela Ap. de Medeiros Hespanhol, Rui Jacinto, Samuel de Jesus Oliveira Maciel, Ulisses Denache Vieira de Souza e Willian Antunes

Pré-impressão: Âncora Editora

Capa: Sofia Travassos | Âncora Editora

Impressão e acabamento: Europress – Indústria Gráfica

1.ª edição: Março 2017
Depósito legal n.º 40xxx/1

ISBN: 978 972 780 594 5
ISBN: 978-989-8676-12-2

Edição n.º 41032

Centro de Estudos Ibéricos
Rua Soeiro Viegas n.º 8
6300-758 Guarda
cei@cei.pt
www.cei.pt

Âncora Editora
Avenida Infante Santo, 52 – 3.º Esq.
1350-179 Lisboa
ancora.editora@ancora-editora.pt
www.ancora-editora.pt
www.facebook.com/ancoraeditora

O Centro de Estudos Ibéricos respeita os originais dos textos, não se responsabilizando pelos conteúdos, forma e opiniões neles expressas.

A opção ou não pelas regras do novo acordo ortográfico é da responsabilidade dos autores.

Apoios:



Interreg
Espanña - Portugal



Fondo Europeo de Desarrollo Regional
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

A experiência do exílio em Pepetela: uma leitura das representações dos lugares de pertencimento em *O planalto e a estepe*

Márcia Manir Miguel Feitosa
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

“Nas curtas horas realmente longas
cada minuto um porquê da tua ausência
cada instante o desejo visceral da tua presença

Nas curtas horas realmente longas
ao afagar o sussurro da tua voz suave
ela ribomba como o trovão
como ondas iradas sob tempestade
aos ouvidos impacientes da ânsia.

Ânsia de rasgar o ventre grávido da fera
de arrebatrar das mãos do medo
o germe implacável da semente portentosa
da chegada

Nas curtas horas realmente longas
a jornada insana das lutas vitoriosas
o grito no caminho firme para a vida
o meu grito na tua voz
o meu desejo nos teus olhos”
(Agostinho Neto – *Nas curtas horas*)

O tema do exílio e a condição de escritor constituem quase uma redundância. Todo escritor não se configura, a sua maneira, um ser exilado? Segundo Marcelo Duarte Mathias (2013, p. 09), “escrever é suprir uma lacuna, colmatar uma ausência, diagnosticar uma enfermidade que não vem catalogada em livro algum”.

O ato de escrever, de certo modo, é resgatar o sentido da perda. Ao criar mundos, o escritor se desloca, sem ter morada certa, tendo que permanecer no mundo criado por um certo tempo. Escrever, portanto, implica assumir uma singularidade própria, não partilhável. O que dizer então do sentimento de exílio que não isso mesmo?

O escritor angolano Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela (“Pestana”, em quimbundo), escreve sempre com o intuito de preencher uma lacuna, uma ausência detectada e que é preciso ser revelada. Foi assim desde o final da década de 60 do século xx, em que esteve engajado na luta armada de libertação nacional, dando início a um projeto literário cujos objetivos principais foram a construção da nação angolana e o questionamento acerca do poder político vigente em seu país, tanto o poder colonial quanto o pós-independência.

Podemos afirmar que até a obra *Predadores*, de 2005, Pepetela manteve-se fiel a esse propósito. Já com *O terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007) e *O quase fim do mundo* (2008), o foco desviou-se para outras questões, mais emergentes e universais, como a tentar preencher um vazio em sua própria escritura.

No romance imediatamente posterior, *O planalto e a estepe*, de 2009, novamente a história de Angola volta a ser o ângulo de visão de Pepetela, mas a lacuna agora a ser preenchida é outra, de cunho menos situacional e mais abrangente.

É o que pretendemos demonstrar ao longo deste estudo.

“Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a filosofia” – entre o planalto de Angola e a estepe da Mongólia

No romance em tela, intitulado curiosamente *O planalto e a estepe*, uma história de amor entre um angolano branco, de olhos azuis e uma mongol de olhos castanhos, Júlio Pereira e Sarangerel, adquire ares universais quando coloca em xeque valores humanos como o amor, a amizade e a sinceridade. Diferentemente dos romances anteriores, o amor aqui é elevado à condição de protagonista, ao lado de temas igualmente importantes, como o racismo e a construção da identidade.

Robson Dutra, em *Pepetela e a elipse do herói*, destaca que a produção do escritor angolano, nos seus primórdios, se debruçou mais diretamente sobre “a história e o passado mítico de Angola [que] se tornaram veículos de afirmação cultural e reivindicação política

e ideológica”. (DUTRA, 2009, p. 53). Constituem exemplos desse momento os romances *Lueji, o nascimento de um império*, de 1990, e *A gloriosa família*, de 1997. Herdeiro de características inerentes à obra de seus conterrâneos, como Luandino Vieira e Óscar Ribas, Pepetela dará vazão à relativização do passado histórico, vivido quando militante na guerrilha; à valorização dos mitos para a manutenção do tempo presente e, sobretudo, à tentativa de construção de uma consciência nacional crítica que insira Angola em seu bojo.

Nas narrativas de Pepetela, situadas neste contexto anterior a *O terrorista de Berkeley, Califórnia* (2007) e *O quase fim do mundo* (2008), o que prepondera é o resgate de elementos do passado com o intuito de compreender o próprio presente. Como reafirma Rosângela Sarteschi: “no exercício da construção da narrativa ficcional, [Pepetela] toma como referência sua realidade histórica além de sua própria experiência como agente e testemunha do processo histórico de libertação de Angola.” (SARTESCHI, 2015, p. 60).

Narrado em primeira pessoa por Júlio, o romance *O planalto e a estepe*, ao mesmo tempo em que consiste numa história de amor impossível, traz em seu pano de fundo a história de Angola, desde o período colonial até os fins do século xx. A viagem e o amor são os dois grandes eixos da vida narrada por Júlio, como é possível perceber quando das frases de abertura do livro:

“A minha vida se resume a uma larga e sinuosa curva para o amor. Começando por um caminho longo até Moscovo. Não vos contarei os detalhes dessa viagem. Houve outras, também importantes, houve mesmo muitas viagens. Mas essa primeira viagem em arco amplo e súbitos desvios demorou mais, começou na Huíla, Sul de Angola, quando fui parido.” (PEPETELA, 2009, p. 09).

De Coimbra, onde foi estudar Medicina, para Marrocos, onde almeja participar da revolução. De Marrocos para Moscovo onde resolve cursar economia, visto ser branco e não poder ser recrutado como os negros. De Moscovo, onde se forma, parte para a revolução na Argélia. Da Argélia para a Mongólia de onde é expulso após ter visto, de dentro de um carro, a filha à distância. Do retorno à Argélia parte para Luanda onde se torna general após a independência e a guerra civil. De Luanda parte para Cuba com o intuito de se encontrar com Sarangerel, após trinta e cinco anos de afastamento. Retorna a Angola já em companhia da amada que desiste do casamento arranjado. De Angola para a Itália onde vem a conhecer a filha e os netos. Da Itália finalmente para Luanda onde vem a falecer de um cancro terminal. Um romance geográfico por excelência. Assim é possível definir *O planalto e a estepe*, que carrega, metonimicamente, no próprio título, o lugar de pertencimento de Júlio, localizado no planalto da Serra da Chela, em Huíla, e o de Sarangerel, nas “suaves ondulações da estepe mongol”. Na leitura de Conceição Pereira, o planalto de Júlio “é o espaço de regresso e de identificação com o qual vai comparando, por contraste,

os outros lugares onde a vida o leva.” (2013, p. 93). No que tange à estepe, a autora ressalta que “é a estepe mongol, mas que não passa quase de um espaço imaginado ou sonhado, onde vivem Sarangerel e Altan e por onde Júlio passa brevemente, ...” (2013, p. 93). Curiosamente, no entanto, a Mongólia não irá se configurar no lugar de pertencimento de Sarangerel, como veremos mais adiante.

A saída de Júlio de Angola deu-se voluntariamente, por motivos pessoais a princípio e por motivos políticos em momento posterior. Em função da atitude tomada, o que podemos evidenciar, na perspectiva de Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios* (2003), é a nítida relação de Júlio com a condição de expatriamento, visto o caráter decisivo de seus atos, diferentemente, portanto, das condições de exilado, refugiado e emigrado.

Entretanto, a experiência vivenciada em Moscovo, com a brusca interrupção do amor vivido com Sarangerel, perfaz outra faceta da sua condição. Privados do amor, ambos serão obrigados a conduzir suas vidas por experiências não traçadas, o que configura o estado de insatisfação e de insegurança, inerente à condição de exilado. Logo, Júlio, inicialmente expatriado, quando da brusca separação de Sarangerel, torna-se um exilado, uma vez que se encontra em Moscovo sem permissão para buscar ou rever a amada e, conseqüentemente, a filha que nasceria meses depois.

O romance adquire, durante esse período em que ambos anseiam por permanecer juntos, uma atmosfera tensa, sufocante, compactuada com o leitor, ávido por ver confirmada a união do casal de lugares tão distantes. Em vão; a não ser, tal qual em *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez, quando da velhice, após vários anos de separação, mais precisamente, trinta e cinco anos. Na antiga URSS, polo de encontro ideológico e político, ambos se aproximam e se afastam, a contrariarem o espírito socialista que parecia caracterizar o sistema soviético. O reencontro definitivo – marco para a vida toda – se dará em Cuba, país que, sob o ponto de vista de Pepetela, melhor demonstrou a assimilação da ideologia socialista.

Apesar de Júlio se afastar de sua terra natal, no Sul de Angola, em nenhum momento perde a relação topofílica que mantém com ela. Sua afeição pela pátria encontra em Tuan demonstração bem clara e objetiva. De acordo com o geógrafo chinês,

“a cidade ou terra é vista como mãe e nutriz; o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente; o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda parte.” (TUAN, 2013, p. 189).

Na perspectiva de Heidegger, em seus estudos sobre o espaço no panorama da filosofia contemporânea, a importância concedida ao lugar deriva da sua relação praticamente direta com o ser, “pedra angular de sua filosofia. *Ser* implica, inescapavelmente, *estar em*

ou *pertencer a algum lugar*”. (SARAMAGO, 2012, p. 204 – grifos da autora). O fato de o lugar possuir limites, na acepção do filósofo, implica pensar em lugar na sua identificação com a identidade. Logo, “essa identidade é partilhada, muito estreitamente, com os entes que nele se encontram. A natureza mesma da identidade do lugar é uma questão crucial no interior dessa temática mais ampla”. (SARAMAGO, 2012, p. 205). É o que evidenciamos no comportamento de Júlio que, embora tenha viajado, experienciado e vivido em outros países, jamais deixou de manter uma ligação estreita e íntima com Angola e, em especial, com o lugar de nascimento.

Júlio, assim, pertence a Angola e lá termina seus dias ao lado do amor de sua vida, tendo antes vivido em constante movimento e em constante aprendizado. Aprendizado sobre o racismo tanto em seu país, quanto – e sobretudo – no mundo. Viverá outro tipo de racismo em Moscovo, não o relacionado à cor da pele, visto ser branco e de olhos azuis, mas o de não ser natural da Mongólia.

O epílogo do romance, de maneira circular, enfatiza tal sentimento de pertença ao re-
vificar o lugar de infância de Júlio, onde pode, já em estado etéreo, percorrer sem limites:

“... deambulo em novas viagens. Etereamente. Agora sobre a Serra da Chela. Podia até visitar as estepes da Mongólia, ou as montanhas Altai. Ou até planar sobre as ilhas do Pacífico. Mas não me apetece. Prefiro o Planalto a partir de Chela, as rochas de muitas cores, as falésias e suas cascatas, o verde dos prados, o campo das estátuas, o milho ondulando, as árvores retorcidas pelo vento. E pairar sobre a gigantesca fenda da Tundavala, fenda que aponta o deserto. E o mar. E aponta o Sul, o grande Sul. O Sul da minha vida.” (PEPETELA, 2009, p. 188)

Com a morte, Júlio se liberta das amarras que o prendem à vida e das experiências que não lhe apeteram, a exemplo da viagem que empreendeu à Mongólia para tentar resgatar Sarangerel e a filha. Percorre com grande afã os lugares familiares até pairar sobre o coração de sua origem – Huíla, na Serra de Chela.

Tuan, no tocante à conotação de liberdade que pode ser alcançada pelo sujeito, abarca o conceito de espaciosidade em contraposição a apinhamento. Sob o ponto de vista do geógrafo chinês,

“espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficientes em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significado. O fundamental é a capacidade para transcender a condição presente, e a forma mais simples em que essa transcendência se manifesta é o poder básico de locomover-se. No ato de locomover-se, o espaço e seus atributos são experienciados diretamente.” (TUAN, 2013, p. 70)

A transcendência de Júlio se manifesta no momento em que ganha corpo a escrita para além da narração dos fatos e acontecimentos que marcaram substancialmente sua trajetória de vida. Assim, surpreendentemente, cria o “Epílogo” quando já despojado do invólucro carnal, quando de fato pode usufruir da sensação de estar livre de forma plena. A almejada sensação de imensidade, pontua Tuan, só se adquire na solidão, visto que a presença do outro promove o recuo dos pensamentos, uma vez que projeta seu próprio mundo no mesmo plano. Entretanto para Júlio não existe mais o medo, muito menos o medo da solidão. Afinal, pôde viver os últimos quatro anos com Sarangerel e com ela desfrutar do amor supremo.

Para além da vida, na condição etérea, Júlio não mais será submetido a situações em que a palavra de ordem seja o racismo e a discriminação pela cor. Na solidão da morte, ultrapassará a dor e o sofrimento sentidos durante o exílio forçado quando da brusca ruptura com Sarangerel. Reinará, enfim, a plenitude.

Convém que, antes que possamos tecer as considerações finais dessa análise do romance de Pepetela, desenvolvamos algumas linhas referentes ao aprendizado de Júlio no que diz respeito à prática do racismo, vivenciada desde a infância em Angola até a fase adulta, em Moscovo.

Entre a cor da pele e seu calor: um romance de aprendizagem

A temática do racismo, presente no romance em tela, já foi abordada por Pepetela em *Mayombe*, escrita em 1971 e publicada em 1980. Contrariando, todavia, semelhante abordagem que se restringia ao espaço de seu país, *O planalto e a estepe* acaba por tratar do tema sob o âmbito universal, dada a dimensão política que atinge. Donizeth Santos (2011) justifica tal conotação ao evidenciar a impossibilidade de Sarangerel se casar com Júlio “em função do cargo do seu pai e do papel político que a Mongólia exerce no contexto da Guerra Fria, do que propriamente pela diferença de raças.” (SANTOS, 2011, p. 37). O que se torna possível destacar é o jogo político entre a ex-URSS e os EUA, haja vista a tentativa de o socialismo soviético ampliar a sua base aliada com a criação de outras repúblicas socialistas, não incluindo, portanto, o casamento com um africano, ainda que branco e de olhos azuis.

Desde as primeiras páginas do romance a presença do racismo se manifesta, a começar por Olga, a irmã mais velha, que não aceita os “amigos pretos” de Júlio. Racista, Olga parece ter aprendido com os colonos a frase “não gosto de negros” e cobrou a vida toda do irmão as suas amizades fora do âmbito da escola. Filho de um português natural de Trás-os-Montes e de uma hluína branca, Júlio irá crescer junto dos “miúdos das cubatas”

e da certeza de que “o valor da pele é o seu calor”. O curioso na trajetória de vida de Júlio é que o racismo o perseguiu sempre, o que o aproxima ainda mais da condição de exilado, na perspectiva que estamos a adotar.

Segundo a lúcida reflexão de Edward Said, “o exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro”. (SAID, 2003, p. 54). Ainda que Júlio não tenha sido banido de seu país, sentiu-se banido da vida de Sarangerel e, mais precocemente, da possibilidade de contato com outras crianças, tão africanas quanto ele, mergulhadas numa Angola também racista. A passagem do romance em que Júlio é iniciado na sua sexualidade ilustra, de modo significativo, tal afirmação:

“Os estudantes geralmente iam aos pares. Fomos também formando par, mas aceitaram só a mim e não ao que era da cor delas. Foi o que me disseram da última vez. Tu está bem, que és branco, mas ele não. Ele era o filho mais velho do Kanina, o João. Tínhamos dinheiro para os dois, dinheiro que levei tempo a roubar na máquina de costura da minha mãe, aos poucos. Mostrámos o dinheiro. A que me tinha interessado, talvez por ter o lábio debaixo atravessado por uma cicatriz clara, sorriu, tu podes, vem comigo. Ele não, disse a irmã. O dinheiro é igual, disse o João. Pois, mas a cor não é, disse a irmã.

Racismo? De negro para negro?” (PEPETELA, 2009, p. 18)

Mais adiante, Júlio confessará que o racismo que imperava em Angola era, de fato, dos brancos contra os negros, visto que os primeiros é que usufruíam do dinheiro e do poder sobre os seus serviços. Um negro endinheirado não se misturava com os brancos, mas precisava da intervenção da igreja para “libertá-lo” das suas práticas fetichistas. Esse aprendizado em torno da cor da pele acompanhará os passos de Júlio quer em sua terra natal, quer fora dela, quando da expatriação.

No período das revoltas em Angola, nos primeiros meses de 1961, Júlio retorna à África para o movimento de libertação e é impedido de lutar e de receber treino militar, função destinada exclusivamente aos negros. Cabia aos brancos, por meio da aquisição de bolsas, o estudo em países amigos da Europa. A justificativa para tamanha discriminação residia novamente na cor da pele: “...os mais claros ainda não eram suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela Nação, pelo menos havia dúvidas quanto à sua nacionalidade. E utilidade”. (PEPETELA, 2009, p. 31). A desilusão e a humilhação invadem a alma de Júlio que sofre novo golpe em seus valores.

Já em Moscovo, no lar de estudantes do mundo inteiro, sua figura despertava curiosidade, justamente pela origem africana: “Um branco quase louro era angolano e queria lutar pela independência? Então não eram os brancos que colonizavam Angola?” (PEPETELA,

2009, p. 33). Um branco que não pode ser amigo dos pretos. Um branco que não é colonialista. Afinal, que angolano é Júlio?

Em poucas palavras, o diferente, o outro, aquele que deveria ser e viver segundo seu aspecto exterior, como bem aponta Conceição Pereira (2013). “Branco e de olhos azuis”, continua a estudiosa, “não deixa de ser africano, mas este facto, óbvio para ele, não foi sempre assim tão óbvio para os outros que insistem em vê-lo sempre como um ser estranho que parece não pertencer ao que sente como sua pertença”. (PEREIRA, 2013, p. 95). O auge dessa condição de “banimento” se dá quando da separação forçada do grande amor de sua vida, mantida distante por anos a fio e impelida ao casamento com um embaixador, de natureza da estepe, tão mongol quanto ela.

O aprendizado de Júlio segue o seu curso até sua afirmação como guerrilheiro em Cabinda e, posteriormente, em Luanda, já reformado do exército. Nesta condição, portanto, vem a saber da possibilidade de se reencontrar com Sarangerel, numa nova tentativa de suplantar o racismo imposto trinta e cinco anos antes. O encontro em Cuba consagra o amor de ambos, coroado no encontro com a filha Altan e os netos na Itália.

O traço dominante do carácter de Júlio se mantém mesmo diante de tantas disposições ao contrário. Sua identidade sofre os embates contra o racismo e evolui para a superação no momento em que Sarangerel decide abandonar o casamento na estepe pelo amor verdadeiro no planalto. Sólido em seus princípios, Júlio falece com os olhos fixos no rosto de Lua Cheia de Sarangerel, pleno de felicidade por ter podido viver os últimos quatro anos ao lado do sonho da juventude.

Considerações finais

De cunho menos nacionalista e mais universal, direcionado para o preenchimento de uma lacuna na própria escrita, Pepetela, com *O planalto e a estepe*, elege a narração em primeira pessoa para compor o personagem Júlio em seu percurso heroico pelas malhas da discriminação racial e étnica e da falsa política socialista soviética, responsável pelo banimento de sua amada Sarangerel para a Mongólia. Apesar do percurso árido e épico, ao mesmo tempo, Júlio se revela um personagem marcado pela construção de uma identidade própria, em plena evolução, porém firme de propósitos e de princípios.

Tão firme que o lugar de pertencimento – a Serra de Chela, em Huíla – é invariavelmente retomada quer em seus pensamentos e sensações, quer em estado etéreo, livre das amarras da carne e do preconceito que o acompanha desde a infância. O fato de ter sido branco de olhos azuis o impediu de vivenciar a guerra com os conterrâneos negros. O fato de ter sido angolano, ainda que louro de olhos da cor do céu, o impediu de se casar com a

mulher de sua vida. O amor, na verdade, foi alçado, na narrativa de Pepetela, à condição de protagonista, tendo suplantado o ódio, o racismo e o exílio.

Ao elevar o amor acima das diferenças e ao impor o sentimento de pertença para além da cor da pele, Pepetela parece, no alto de sua cortante escritura, ter respondido como porta-voz de Júlio à questão retórica do personagem Jean-Michel: “Já viste um cavalo mongol a dançar ao som do batuque africano?” Sarangerel provou que viu. O planalto, enfim, fixou território no coração da estepe.

Referências bibliográficas

- DUTRA, Robson. *Pepetela e a elipse do herói*. Luanda: Praxis/União dos Escritores Angolanos, 2009.
- MATHIAS, Marcelo Duarte. O escritor e o sentimento de exílio: alguns exemplos contemporâneos. In: Revista *Colóquio/Letras* n.º 183, maio-agosto, 2013.
- PEPETELA. *O planalto e a estepe*. São Paulo: Leya, 2009.
- PEREIRA, Conceição. Identidade e diferença em *O planalto e a estepe*. In: Revista *Navegações*, v. 6, n.º 1, p. 91-98, jan./jun 2013.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Donizeth. Reflexões sobre O planalto e a estepe, de Pepetela. *Miscelânea*, Assim, vol. 9, jan./jun. 2011.
- SARAMAGO, Lúcia. Como ponta de lança: o pensamento do lugar em Heidegger. In: MARANDOLAJR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lúcia de. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?* Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SARTESCHI, Rosângela. Pepetela e O Quase Fim do Mundo. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin & SILVA, Rejane Vecchia Rocha e (orgs.). *Literatura e memória política: Angola, Brasil, Moçambique, Portugal*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Lúcia de Oliveira. Londrina, PR: EDUEL, 2013.